

APRESENTAÇÃO

Reescritas Poéticas

A escrita poética é marcada pelo diálogo com obras que se configuram como matrizes da criação, processo cujos vestígios podem ser percebidos em bibliotecas de escritores, arquivos pessoais, manuscritos e correspondência, entre outros. Como parte do ato criativo, destaca-se a reformulação de textos, procedimento empregado de maneira constante por poetas, em busca da expressão formal mais apurada, tendo em vista que a literatura, em seu diálogo consigo mesma, oferece aos escritores a possibilidade de comunicação entre poemas de sua autoria ou de autoria diversa. Neste dossiê da *Revista eLyra*, estão contemplados os diálogos praticados pelos poetas, com base na retomada de textos anteriores, no intuito de transformá-los, rediscuti-los, parafraseá-los ou parodiá-los em um novo poema, lançando mão de procedimentos diversos de reescritas, tais como paráfrase, paródia, colagens, tradução, deslocamentos de versos ou partes de poemas já publicados.

O número da *Revista eLyra* que se volta à reescrita poética guarda espaço para a **Poesia**, seção de abertura do volume, em que estão poemas dos escritores contemporâneos Paulo Henrique Britto, Marcos Siscar, Fabrício Corsaletti, Rodrigo Petrônio e Alberto Martins. **Paulo Henrique Britto** retoma poema publicado por ele em *Liturgia da matéria* (1982), em que há uma espécie de nova criação do mundo, por meio do transbordamento das águas nascidas do encontro com o outro, no tom de brincadeira de um *Scherzo*. Ao lado dele, coloca poema publicado em *Formas do nada* (2012), texto que revela o olhar do poeta sobre ele mesmo, na reescritura dos versos da juventude, fazendo referência ao apocalipse.

Marcos Siscar, enquanto traz “Perte d’auréole”, de Charles Baudelaire, para a língua portuguesa, reescreve o texto, voltando-se para as questões da tradução, ao transformar a perda da auréola do poeta na perda do original a ser vertido para outro idioma, texto que deteria a autoridade e a regra, mas que acaba ao rés do chão. Fica preservado o humor e o tom de brincadeira, em torno do trabalho de escrita. De **Fabrizio Corsaletti** temos o “Poema chinês com presente de índio”, que nasce dos versos orientais citados, entre aspas, no texto. Ao dialogar com a escrita chinesa, o eu lírico reencena a chegada à porta da Dama Luminosa, misturando o traço prosaico do cotidiano às imagens da China antiga, assim como a leitura de poesia ao prazer sexual. Já no diálogo com Sor Juana Inés de la Cruz, **Rodrigo Petrônio** traça a imagem do vazio e do nada que está sob tudo o que é vivo. Ao reescrever os versos da poeta mexicana, não quer descrever o que se vê, ilusão dos sentidos, mas quer falar do não visto, que permanece, apesar da morte e do desfazimento. O poema de **Alberto Martins** relê a história da La Reina del Cerro, múmia pré-colombiana, nomeada rainha pelos habitantes da região em que foi encontrada. Ela se mostra, na verdade, apenas como uma menina de 8 anos e meio, morta num dia qualquer entre os séculos XV e XVI, capaz de levar a pensar, no encontro com o eu lírico, na noção de fragmentação e de mobilidade do presente e do passado, assim como na mobilidade da escrita e da reescrita.

O conjunto de estudos reunidos na seção **Artigo** versa sobre retomadas e revisões poéticas, sendo a intertextualidade o procedimento de reescrita predominante, seja ela praticada pelo recurso da colagem, paródia, paráfrase, ou ainda pelas transposições intersemióticas. O dossiê reúne estudos sobre poesia moderna e contemporânea que, ao focalizarem a poesia pelo viés da reescrita, da retomada, das transposições e da intertextualidade, colocam em sincronia vozes da tradição mais remota, tais como as de Eurípedes e Sêneca. Além disso, os estudiosos apresentam análises e sistematização dos mais diversos procedimentos e graus de explicitação da reescrita, evidenciando que os poetas são sempre ávidos de novas práticas e formas de diálogo com a tradição literária.

O estudo de **Natalia Aparecida Bisio de Araujo** focaliza o caráter vanguardista da poesia ao analisar as transposições intersemióticas da obra *Documentaires*, de Blaise Cendrars, e o intertexto com romances de Gustave Le Rouge e Maurice Calmeyn, praticado por meio de apropriações de recursos expressivos das artes da fotografia e do cinema.

Thiago Buoro retoma a obra dos concretistas brasileiros conhecida como “Poesia Visual – Vídeo Poesia” que, na década de 1990, recriou em vídeo uma série de poemas concretos. Esta reescrita, em novo suporte, promove transposições intersemióticas, sendo que as relações entre as representações literária e cinética dos poemas foi analisada por Buoro do ponto de vista sincrônico, em contraponto com a leitura diacrônica dos procedimentos de reescrita, presente no livro *Poesia Visual, Vídeo Poesia*, de Ricardo Araújo. Ainda no plano de análise de projetos poéticos e experimentação de novas práticas de reescrita, inscreve-se o trabalho de **Diamila Medeiros dos Santos** que analisa formas de reescrita em poemas e obras. Neste artigo, a autora apresenta o diálogo de Ana Martins Marques com Elizabeth Bishop, explícito em epígrafe e retomadas de cenas; apresenta o epitexto público como elemento paratextual gerador de ironia e deboche em poema de Angélica Freitas para, em seguida, discutir a reescrita em obras contemporâneas integralmente pautadas nesse recurso, sendo elas *Tróia* (2015), de Guilherme Gontijo Flores, e *Parsona* (2017), de Adriano Scandolara, em que estão presentes retomadas integrais, procedimentos de colagem, cortes, supressões e tradução.

O poeta Mário de Andrade está presente nos dois estudos que revisitam o processo de criação e algumas matrizes de poemas do autor, com base na crítica genética. **Cristiane Rodrigues de Souza** capta a intertextualidade sutil e explícita com a cultura popular brasileira, especialmente as danças, e com os poetas Shelley e Whitman, no poema “A meditação sobre o Tietê”. **Ligia Kimori** também visita a biblioteca de Mário de Andrade para compreender o diálogo com o poeta parnasiano Baptista Cepellos, reconhecendo matrizes de temas, versos e estruturas da poesia de Cepellos em poemas de Mário de Andrade, apropriações formais que problematizam a leitura histórico-crítica usual da Literatura Brasileira, fundamentada no contraponto entre parnasianos e modernistas.

A poesia portuguesa é estudada em três artigos. **Patrícia Resende Pereira** investiga as colagens de Carlos de Oliveira, reafirma o diálogo do escritor com uma pluralidade de vozes e movimentos literários e analisa alguns deslocamentos de versos para novos contextos poemáticos e suas ressignificações. **Fabiane R. Borsato** descreve as gradativas transformações estéticas da poesia de Joaquim Manuel Magalhães até a instauração da palinódia que coincide com a radicalização de procedimentos antes diluídos nas muitas

revisões dos poemas, tais como a tensão entre dispersão semântica e concentração/síntese formal, a fusão de poemas e a supressão de versos. **Luísa Destri** analisa, do escritor português Vasco Graça Moura, o soneto “*barbie em diagonal*” e o intertexto implícito com a figura da passante baudelairiana.

Susanna Busato aproxima a poesia da narrativa, ao colher na tradição literária diversas obras em que a reescrita foi tematizada ou praticada, inclusive aquela presente no poema metalinguístico de Orides Fontela que discorre sobre as tessituras e des-tessituras poéticas. Busato analisa duas obras que apresentam reescrita do mundo e da própria literatura. Na primeira, o conto *O Menino que Olhava pra Dentro*, de Ana Maria Machado, são estudadas as incorporações do discurso da poesia no plano da imaginação do protagonista Lucas que reescreve o mundo num espaço onírico-poético. A segunda é o livro-poema *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, e Busato focaliza a reescrita do clássico *Chapeuzinho Vermelho*.

A seção **Tradução** recebe o ensaio “O lirismo impossível: poesia e litanias”, de **Colette Astier**, na tradução crítica de **Francine F. Weiss Ricieri** e **Maria Lúcia Dias Mendes**. Publicado pela primeira vez em 1996, em *Le sujet lyrique en question*, a autora preparou um pós-escrito especialmente para esta edição da *Revista eLyra*, acrescido de novas reflexões sobre a litania e sua retomada pela narração e pela música. O ensaio de Astier aproxima litanias religiosas de poemas de T. S. Eliot, Rimbaud e Bonnefoy, revelando que a retomada da forma religiosa oferece reflexão sobre o poder da palavra poética.

Nossos agradecimentos especiais aos poetas convidados que prontamente aceitaram construir este dossiê, aos pesquisadores que dedicaram suas contribuições para o estudo da reescrita poética, à equipa editorial, à comissão consultiva, à direção da *Revista eLyra* e à Dr.^a Lurdes Gonçalves que participaram ativamente do processo de elaboração deste número.

Cristiane Rodrigues de Souza

Fabiane Renata Borsato